

**FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA:
A EXPOSIÇÃO “VISUALIDADES E CONHECIMENTO HISTÓRICO –
IMAGENS NARRANDO HISTÓRIAS E PRÁTICAS CULTURAIS”**

**PHOTOGRAPHY AND HISTORY TEACHING: THE EXHIBITION “VISUALITIES AND
HISTORICAL KNOWLEDGE – IMAGES TELLING STORIES AND CULTURAL
PRACTICES”**

*Jairo Carvalho do Nascimento*¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir o uso e as potencialidades didáticas da fotografia no ensino, a partir de uma experiência de realização de uma exposição fotográfica, no curso de História da UNEB/Campus VI, na disciplina de *Laboratório de Ensino de História II*. A fotografia é uma linguagem extremamente acessível hoje em dia em função do avanço tecnológico proporcionado pela internet, pelas câmeras digitais e smartphones: a internet, por alocar sites que servem de acervo para coletar fotos históricas; e as câmeras digitais e smartphones, pela praticidade em fotografar e gerenciar digitalmente as imagens. A metodologia utilizada para a realização do projeto didático seguiu as seguintes etapas: leitura de textos teóricos em sala de aula, divisão da turma em grupos, planejamento das ações, produção do material fotográfico (coleta de fontes e produção de fotos originais) e execução da exposição. O referencial teórico utilizado para campo do ensino de História pauta-se nas contribuições de Jörn Rüsen, Isabel Barca, Flávia Caimi, Circe Maria Fernandes Bittencourt; e a abordagem fotográfica fundamentou-se nos estudos de Pierre Sorlin, Peter Burke, Ulpiano Menezes e Ana Maria Mauad. O resultado da realização de uma exposição fotográfica e a experiência acumulada no planejamento e na execução do projeto didático apontou para uma resignificação da relação dos alunos com a fotografia e para um entendimento da aplicabilidade didática desta fonte em sala de aula. A atividade também despertou nos alunos o desejo de conhecer mais a linguagem fotográfica e de desenvolver habilidades para ter um conhecimento técnico maior em relação ao ato de fotografar.

Palavras-chave: Fotografia e ensino. Exposição fotográfica. Relato de experiência.

ABSTRACT: The objective of this article is to discuss the use and didactic potential of photography in teaching, based on an experience of a photographic exhibition in the History course of UNEB / Campus VI, in the discipline of *History Teaching Laboratory II*. Nowadays, photography is an extremely accessible language, due to the technological advances provided by the internet, digital cameras and smartphones: the internet, for gathering websites that serve as an instrument to collect historical photos; and digital cameras and smartphones, for taking photos and managing digital images easily. The methodology adopted to make the didactic project followed those steps: theoretical text readings in the classroom, division of the class into groups, action planning, production of photographic

¹ Doutor em História Social (UFBA). Professor do curso de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI). Professor do Mestrado Profissional em Ensino (PPGELS - UNEB/Campus VI). E-mail: jairocine.uneb@gmail.com.

material (collection of sources and production of original photos) and finally its exhibition. The theoretical research for the field of History teaching is based on the Jörn Rüsen's, Isabel Barca's, Flávia Caimi's, Circe Maria Fernandes Bittencourt's contributions and, about the photographic approach, it was based on the Pierre Sorlin's, Peter Burke's, Ulpiano Menezes's and Ana Maria Mauad's studies. The result of the photographic exhibition and the experience accumulated in preparation and execution pointed out to a new redefinition of the students' relationship with photography and to a comprehension of the didactic applicability of this source in the classroom. That activity has also stimulated their desire to know more the photographic language and to develop skills to have a greater technical knowledge about the act of photographing.

Keywords: Photography and teaching. Photographic exhibition. Experience report.

Introdução

Este artigo foi construído a partir da minha experiência como professor da disciplina *Laboratório de Ensino de História II* (LEH II), durante o semestre 2017.1, na Universidade do Estado da Bahia, Campus VI (Caetité-BA), no período compreendido entre março e julho, com a turma do II Semestre do curso de História. Nesse período, como atividade de conclusão da disciplina, após uma parte inicial de discussão teórica sobre a relação da fotografia com o conhecimento histórico, os alunos realizaram e apresentaram uma exposição fotográfica intitulada “*Visualidades e conhecimento histórico: imagens narrando histórias e práticas culturais*”.

A fotografia é um artefato cultural e um repositório de memória de grande utilidade na contemporaneidade. Os aparelhos, os suportes, o ato de fotografar, os meios de preservar e de circulação, tudo isso mudou com tempo. Num mundo cada vez mais digital, a fotografia e o uso da imagem ganham uma dimensão cada vez maior.

É importante levar esse debate para o campo do ensino de História, mobilizar conhecimento para o seu uso em sala de aula, bem como compreender as particularidades desta fonte histórica. Neste artigo, em um primeiro momento, abordarei, de modo geral, a natureza da disciplina *Laboratório de Ensino de História II* e dos demais componentes da área. Em seguida, farei uma apresentação da exposição, narrando o seu formato, os temas, os grupos envolvidos e sua execução, tudo isso intercalado com discussões teóricas e diálogos com autores acerca da relação História/Fotografia.

1. A disciplina *Laboratório de Ensino de História II* (LEH II)

A disciplina LEH II faz parte da área de “Laboratório de Ensino de História” (405 horas), que pertence ao Eixo 2 do curso, o de “Formação Docente”, junto com “Conhecimentos Pedagógicos” (255 horas) e “Estágio Supervisionado” (405 horas). A área de LEH é formada por 8 (oito) disciplinas, que totalizam 405 horas. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) define assim a área de LEH:

Sistematiza e exercita a prática pedagógica no ensino de História e os recursos e procedimentos de construção do conhecimento histórico, tendo em vista a ação-reflexão-ação. Desenvolve atividades de reflexão sobre a prática de ensino, a reinterpretação dos conteúdos para os contextos escolares da educação básica, a produção e utilização de material didático relacionado à área desse conhecimento (UNEB, 2015, p. [56]).

Cada uma das disciplinas que compõem a área de Laboratório de Ensino de História é organizada por Linguagens e Documentos. São matrizes temáticas que norteiam os programas das disciplinas, como Cinema, Música, Literatura, dentre outras (ver o quadro de ementário). A carga horária de cada componente é composta por um percentual de cunho teórico e prático. Os aspectos teóricos dizem respeito ao estudo de cada linguagem, sua natureza e características, bem como a sua articulação com o ensino de História e com os componentes de conteúdo histórico. A parte prática é desenvolvida pelo professor, articulando atividades didáticas e/ou de pesquisas com o ensino de História. As atividades práticas são pensadas pelos professores a cada semestre².

As ementas, organizadas a partir de matrizes de linguagens e documentos históricos, contribuem para fortalecer dois componentes importantes da formação do professor/pesquisador: o ensino e a pesquisa, ou seja, o aluno terá condições teóricas e metodológicas de usar as Linguagens e Documentos trabalhados nas disciplinas no seu ofício como professor, em atividades didáticas de ensino, e/ou como pesquisador, em cursos de pós-graduação, quando estiver trabalhando algum tipo de fonte que ele estudou na graduação. As disciplinas, nesse formato, instrumentalizam o aluno a analisar adequadamente as fontes históricas e a trabalhá-las em sala de aula. Ao final do curso, o aluno será capaz de manusear fontes com objetivos de pesquisa histórica, para seus estudos monográficos, e de usá-las como recurso didático em sala de aula.

Vale ressaltar que a estruturação desses componentes, a partir de matrizes de Linguagens/Documentos, está voltada para a área de Ensino de

² Essa proposta de organização foi apresentada por mim em 2006. Em 2015, essa proposta foi atualizada (em suas ementas, mantendo a ideia original) em reunião de colegiado.

História e fundamenta-se em diversos parâmetros legais e orientações curriculares, a saber: a) Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (História), que estabelecem que os alunos sejam capazes de

[...] utilizar as diferentes linguagens [...] como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; [...] saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos (BRASIL, 1998, p. 7)

Nas Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que dizem que o aluno deve desenvolver “competências e habilidades”, que saiba “criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção”, que desenvolva “procedimentos que permitam interrogar diversos tipos de registros, a fim de extrair informações e mensagens [...]” (BRASIL, [2017], p. 74); segue as orientações da LDB, Lei n. 9.394/1996, no Artigo 26, que trata de questões curriculares da Educação Básica, de componentes que devem ser trabalhados em sala de aula pelo professor, tais como, a música e o cinema; contempla as orientações teóricas e metodológicas do campo da Educação Histórica e da Didática da História, em que estudiosos como Jörn Rüsen, Peter Lee, Isabel Barca, Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli, dentre outros (as), apontam que a aprendizagem histórica pode ser facilitada com o uso de diferentes linguagens no ensino. Por isso, devemos instrumentalizar nossos alunos para que eles possam saber ler e interpretar fontes diversas e de diferentes suportes, como filmes, músicas, documentos escritos, etc. (GERMINARI, 2001).

As ementas das disciplinas organizadas por Linguagens e Documentos não invalidam: a articulação com disciplinas dos eixos curriculares de conteúdo histórico, em que o professor de História do Brasil pode organizar seu programa a partir de estudos sobre filmes brasileiros, levando em consideração Laboratório de Ensino de História I; ou o professor de História da Idade Média, montar a base de seu programa a partir do estudo da literatura produzida no período medieval, para

o caso de Laboratório de Ensino de História VII. Nas ementas, essa referência a tais disciplinas aparece com a articulação entre a linguagem e o conhecimento histórico, como Cinema e conhecimento histórico, por exemplo.

Quadro 1 – Relação de disciplinas da área de LEH e suas respectivas linguagens

Disciplina	Linguagem
Laboratório de Ensino de História I (60h)	Cinema
Laboratório de Ensino de História II (60h)	Fotografia
Laboratório de Ensino de História III (60h)	Livro didático
Laboratório de Ensino de História IV (60h)	Música
Laboratório de Ensino de História V (45h)	TV, vídeo e TICs
Laboratório de Ensino de História VI (45h)	Patrimônio cultural (material e imaterial) e memória local
Laboratório de Ensino de História VII (45h)	Fontes literárias (romance, cordel, poesia)
Laboratório de Ensino de História VIII (30h)	Documentos manuscritos e impressos

Fonte: Acervo do Autor

2. A exposição

A exposição “*Visualidades e conhecimento histórico: imagens narrando histórias e práticas culturais*” tinha por objetivos: apresentar a fotografia como uma fonte da História; e evidenciar aos estudantes que a fotografia é um documento histórico de grande relevância para a pesquisa histórica e que ela está presente de forma intensa em nosso cotidiano. É um documento que precisa ser lido de maneira adequada.

Documento é aquilo capaz de fornecer informações a uma questão do observador, qualquer que seja sua natureza tipológica, material ou funcional. É preferível, portanto, considerar a fotografia (e as imagens em geral) como parte viva de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções (MENEZES, 2003, p. 29).

Durante três meses (março a maio), trabalhei textos teóricos sobre a relação da fotografia com o conhecimento histórico, o uso da fotografia como fonte e objeto da História. Procurei evidenciar que a fotografia é uma fonte de extrema relevância na atualidade, sobretudo nesse contexto de revolução digital, com a facilidade de se registrar tudo com uma câmera ou celular e postar nas redes sociais.

A diversidade de registros fotográficos assumiu a condição de fonte importante de estudo da sociedade contemporânea. A fotografia como um produto cultural transformou-se em objeto de estudos de semiólogos, antropólogos, sociólogos e outros cientistas sociais. Os historiadores, para a interpretação das imagens geradas por ela, apropriam-se dos métodos desses outros especialistas, mas sempre indagam: que conhecimento histórico a fotografia produz? (BITTENCOURT, 2004, p. 366)

Em uma determinada aula, apresentei para os alunos alguns sites importantes e instrutivos para fins de pesquisa ou para planejamento de atividade de ensino. Os sites serviriam de base, também, para orientar os alunos a organizarem a exposição, pelo menos no tocante à catalogação da fonte fotográfica.

Quadro 2 – Sites de busca

Site	Natureza
Brasileira Fotográfica Digital http://brasilianafotografica.bn.br/	Cenas históricas, pessoais e do cotidiano.
Banco de Conteúdos Culturais www.bcc.org.br	Cartazes de cinema e fotogramas de filmes.
Cinemateca Brasileira www.cinemateca.gov.br	Cartazes de cinema.
Domínio Público www.dominiopublico.gov.br	Cenas históricas, pessoais e do cotidiano.
Instituto Moreira Salles www.ims.com.br/ims	Cenas históricas, pessoais e do cotidiano.
Museu de Imagens www.museudeimagens.com.br/	Fotos históricas

Fonte: Acervo do Autor

Um dos sites mais ricos do ponto de vista documental e da variedade de temas disponíveis para o uso em pesquisas ou exclusivamente para o ensino de

História é o acervo da *Brasiliiana Fotográfica Digital*. Iniciativa da Biblioteca Nacional junto com o Instituto Moreira Salles, o objetivo do site é o de “dar visibilidade, fomentar o debate e a reflexão sobre os acervos deste gênero documental, abordando-os enquanto fonte primária, mas também, enquanto patrimônio digital a ser preservado” (BRASILIANA FOTOGRAFICA DIGITAL, [2017], p. [1]). Para percorrer as centenas de fotografias, o internauta, ou o profissional de História, pode navegar por *data*, *autor*, *assunto* ou *local*.

O site foi ao ar em abril de 2017, com quase 3.000 fotografias. O portal será, na verdade, um grande indexador, um arquivo depositário de fotografias de diversas instituições. Atualmente, encontram-se disponíveis fotografias que abarcam o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Temas como “Escravos no Brasil”, “Guerra de Canudos”, “Cangaço”, dentre outros, são encontrados em fotografias que o professor de História pode aproveitar para trabalhar seus conteúdos em sala de aula.

Um dos pontos trabalhados ao longo da disciplina, nos textos discutidos, foi a ideia de que a fotografia não é um espelho do real, mas sim uma representação. A câmera registra um momento e o congela para a posteridade, mas o olho do fotógrafo, suas intenções manipulam a imagem. A fotografia é um indício do real, uma parcela do real, montada na representação.

A História hoje usa todo e qualquer documento para descortinar o passado: “todo o material do passado é potencialmente admissível como evidência para o historiador” (GASKELL, 1992, p. 267). E, para Peter Burke: “[...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica” (BURKE, 2004, p. 17).

As imagens nos informam por meio de seus símbolos, signos, sinais (MANGUEL, 2001). E, por essa razão, devem ser estudadas e usadas em sala de aula, pelo professor de História. A imagem tem uma narrativa que precisa ser decifrada, ou, do ponto de vista semiológico: “[...] a imagem constitui um discurso. Se a imagem é um discurso, podemos pressupor que a literalidade da fotografia não é algo natural, mas cultural” (CARVALHO; LIMA, 2009, p. 43).

A fotografia em particular, usada como fonte para ser discutida em sala de aula, visando a aprendizagem histórica, é uma atitude didática fundamentalmente válida: explorar as potencialidades que a imagem oferece. A fotografia é uma fonte “que demanda um novo tipo de crítica, uma nova postura teórica de caráter transdisciplinar” (MAUAD, 1996, p. 10).

A fotografia é um grande aliado do professor de História. A imagem, além do seu alto teor informativo, seduz quem a observa. O professor pode usá-la apropriadamente em suas aulas, seguindo as opções do livro didático ou incluindo novas possibilidades. Ela tem potencial, quando bem trabalhada, para dinamizar as aulas de História. E poderá criar, com o tempo, no aluno, a capacidade de duvidar de toda e qualquer imagem, com o exercício da crítica. E este é um dos princípios da Educação Histórica:

Para saber ‘ler’ a informação, debater e seleccionar mensagens fundamentadamente, é preciso saber interpretar fontes, analisar e seleccionar pontos de vista, comunicar sob diversas formas, apostar em metodologias que envolvam os alunos no acto de pensar historicamente (BARCA, 2007, p. 9).

Para usar a fotografia, e outras fontes, de modo a fazer com que os alunos pensem historicamente, é necessário, segundo Flávia Caimi, que os professores conheçam bem “os fundamentos de sua disciplina e que saibam comunicá-la aos jovens” (2015, p. 122). E é preciso:

colocar os estudantes diante de fontes históricas diversas, de diferentes procedências e tipologias, cotejando versões e posições, entendendo-as como materiais com os quais se interroga e se reconhecem as chaves de funcionamento do passado e que permitem construir inteligibilidades sobre o tempo presente (CAIMI, 2015, p. 121-122).

A fotografia poderá ajudar na construção da aprendizagem histórica por parte do aluno e ajudá-lo a compreender a narrativa histórica por meio da aprendizagem:

O passado é tematizado para entender o presente e poder esperar o futuro. [...] Narrativa histórica nada mais é do que o processo

mental comunicativamente realizado no qual esse contexto é criado, de forma que a experiência do passado torna-se a interpretação do presente e a expectativa do futuro. A narrativa histórica dá ao tempo, que desafia e problematiza a vida prática, um sentido para orientá-la (RÜSEN, p. 2012, 75).

A exposição foi organizada como atividade final da disciplina, justamente para termos uma noção de que os conceitos trabalhados, as discussões travadas em sala de aula, surtiram efeito.

Inicialmente, levei pontos como sugestão para apresentar à turma. Não quis antecipar. Deixei em aberto para ver se eles podiam sugerir algo. Como os alunos não apresentaram sugestões, apresentei os temas que havia pensado. A turma achou as temáticas pertinentes e acatou.

Para a exposição, a turma foi dividida em sete (7) grupos. Abaixo, o tema de cada grupo.

Quadro 3 – Temas da exposição

Tema	Quantidade de discentes por grupo
Comunidades quilombolas	5
Escola e cultura escolar	5
Feira livre de Guanambi	5
Manifestações religiosas e espaços sagrados	4
O antigo e o moderno: cenas de Caetité	3
Patrimônio material e imaterial	6
Trabalhadores rurais do sertão produtivo	4

Fonte: Acervo do Autor

Um fato considerável foi que todos os temas tiveram como espaço a realidade social dos alunos. O que foi retratado na exposição foram imagens do cotidiano de Caetité e de cidades circunvizinhas. Isso tornou a exposição mais atraente, instigante. Essa exposição, orientada e construída a partir do contexto

social e cultural dos alunos, em que eles são protagonistas, é uma prática que contribui para a produção do conhecimento histórico:

Nessa perspectiva, aprender História significa contar a História, isto é, significa narrar o passado a partir da vida no presente. O principal objetivo é elaborar uma orientação relacionada com a construção da identidade de cada um e, também, organizar a própria atuação nas lutas e ações do presente, individual e coletivamente (SCHMIDT, 2009, p. 37).

Na realização da exposição, decidimos (professor e turma), diante da possível dificuldade em tirar fotos de pessoas e de rituais religiosos, por exemplo, por conta de direitos autorais, que os grupos usassem fotos antigas relacionadas à temática de cada grupo. Os grupos poderiam mesclar fotos antigas com fotos originais tiradas por eles. Boa parte dos grupos usou esse expediente. Os grupos procuraram fotos antigas em outros locais e arquivos, pesquisando na internet, como os casos dos grupos “Feira Livre de Guanambi” e “O antigo e o moderno: cenas de Caetité”, ou coletando em arquivos físicos, como o grupo “Escola e Cultura Escolar”, em que os alunos pegaram fotografias no Colégio Estadual Norberto Fernandes (Caculé, BA).

Durante três semanas, os grupos pesquisaram o tema de sua exposição, percorrendo os lugares em que iriam fotografar ou recolhendo fotografias antigas relacionadas ao seu objeto. Sugeri que as fotos originais fossem impressas em preto e branco, para realçar esteticamente as imagens.

Orientei os grupos para que catalogassem as fotos, seguindo padrões de normas técnicas: nomear com um título (descrição/resumo da imagem), indicar o autor da foto, o local e a data. Sugeri que examinassem o site da Brasileira Fotográfica Digital (*brasilianafotografica.bn.br*), o tratamento dado ao acervo e à descrição técnica de cada foto. Na organização de um acervo de fotografias, faz-se necessário ter esses elementos, para situar o leitor ou pesquisador. Para fins de pesquisa histórica, uma foto sem legenda, que não apresentar orientações contextuais para um pesquisador, é uma fonte incompleta.

Parece que estou brincando, mas o que quero dizer é extremamente sério. O que quero dizer é que, ao contrário do que se diz

frequentemente, a imagem não fala. Sem comentários, uma imagem não significa rigorosamente nada, e podemos imaginar qualquer coisa, dependendo da nossa fantasia, quando a vemos. Hoje em dia o número de bobagens que são ditas é impressionante, e não devemos nos surpreender quando alguém disser que estamos passando de um mundo onde a informação vem da palavra para um mundo onde ela vem da imagem. Isto é uma burrice! A imagem pode impressionar, interessar, comover, apaixonar, mas a imagem nunca informa. O que informa é a palavra. Isto significa - o que é essencial, por exemplo, para um arquivo audiovisual - que uma imagem sem data, sem menção de local ou de autor é uma imagem inutilizável (SORLIN, 1994, p. 87).

Para que um pesquisador possa articular uma foto a outra variedade de fonte é imprescindível que a imagem tenha informações que possam identificá-la. É uma exigência metodológica do ofício do historiador: "Para os historiadores, é fundamental selecionar as fotos, e elas precisam ser datadas e reproduzir cenas e personagens que possam ser reconhecidos, para que se transformem em fonte histórica confiável [...]" (BITTENCOURT, 2004, p. 368). A ausência de determinadas informações, como local, data e autoria, inviabilizam a resposta às seguintes perguntas: Onde (contexto de produção)? Por quê (motivação do fotógrafo)? Para quê (objetivo da imagem)? Em função dessas questões, sugeri a catalogação das fotografias, sejam elas originais, tiradas pelos próprios alunos, ou fotografias antigas, de arquivo.

3. Execução e avaliação

A exposição foi apresentada ao público, nas dependências do Departamento de Ciências Humanas (UNEB/Campus VI), no dia 18 de junho de 2017. Os grupos optaram por espalhar as fotografias por diversos ambientes: corredor das salas de aula, pátio central do módulo de aula acadêmico e escadaria (acesso ao primeiro andar). Essa distribuição ficou interessante, porque, ao não concentrar tudo em um mesmo espaço, essa "dispersão" ajudou a divulgar o trabalho da turma.

Quadro 4 – Quantidade de fotos por grupo

Tema	Quantidade de fotos	Fotos originais e antigas
Comunidades quilombolas	10	10 atuais
Escola e cultura escolar	10	2 atuais x 8 antigas
Feira livre de Guanambi	9	8 atuais x 1 antiga
Manifestações religiosas e espaços sagrados	14	2 atuais x 12 antigas
O antigo e o moderno: cenas de Caetité	12	4 atuais x 8 antigas
Patrimônio material e imaterial	9 fotos	8 atuais x 1 antiga
Trabalhadores rurais do sertão produtivo	10	10 atuais

Fonte: Acervo do Autor

A recepção e a repercussão foram bem significativas: alunos de outras turmas de História, e de outros cursos, pararam para conhecer cada exposição temática. Os alunos foram curadores de seus próprios trabalhos, apresentando e comentando o processo de feitura às pessoas que paravam para ver as fotos. As fotografias ficaram em exposição durante alguns dias.

Abaixo, seção de algumas fotos.

Figura 1 – Exposição – “O antigo e o moderno: cenas de Caetité”



Fonte: O autor. Foto: Jairo Carvalho do Nascimento.

Figura 2 – Exposição – “Movimentos religiosos e espaços sagrados”



Fonte: O autor. Foto: Jairo Carvalho do Nascimento.

Figura 3 – Exposição – “Escola e cultura escolar”



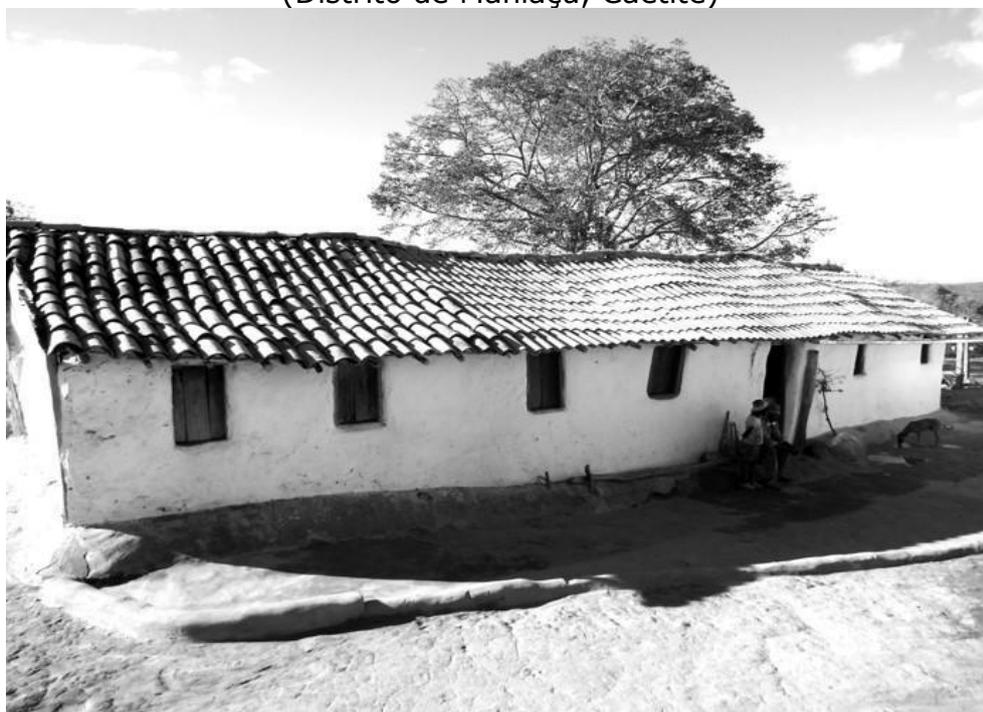
Fonte: O autor. Foto: Jairo Carvalho do Nascimento.

Figura 4 – Exposição – “Feira livre de Guanambi”



Fonte: O autor. Foto: Jairo Carvalho do Nascimento.

Figura 5 – Casa da comunidade quilombola de Malhada (Distrito de Maniaçu, Caetité)



Fonte: O autor. Foto: Alef Belém de Araújo (aluno), 2017.

Figura 6 – Oratório. Casa da comunidade quilombola de Malhada

(Distrito de Maniaçu, Caetité)



Fonte: O autor. Foto: Alef Belém de Araújo (aluno), 2017.

O tema "Feira Livre de Guanambi" evidenciou os sujeitos no trabalho, a variedade de produtos vendidos na feira e a questão sanitária, com fotos mostrando o esgoto e o lixo ao lado de frutas e verduras. O tema "O antigo e o moderno: cenas de Caetité" mostrou fotos de ruas antigas e como elas estão agora. Apresentou prédios históricos, antes e depois, a exemplo do Observatório. O tema "Comunidades quilombolas" apresentou fotos relacionadas à comunidade quilombola de Malhada, localizada no município de Caetité (BA). Mostrou a cultura material da comunidade, como casas e igrejas, e a cultura imaterial, com a foto de um oratório da casa de uma morada da comunidade. O tema "Movimentos religiosos e espaços sagrados" apresentou imagens de atividades religiosas em espaços públicos e privados da cidade de Caetité e de cidades vizinhas. O tema "Escola e Cultura Escolar" mostrou fotografias do Colégio Estadual Norberto Fernandes, da cidade de Caculé, apresentando a utilização social da escola para fins sociais e culturais, como atividades festivas e cívicas, além de evidenciar aspectos arquitetônicos da unidade escolar e as transformações ao longo dos anos.

4. Relato dos alunos³

Após a realização da exposição, solicitei que alunos falassem um pouco sobre a experiência em executar uma atividade didática dessa natureza. Alguns alunos enviaram respostas, comentários.

O aluno Leonardo Diego disse que a experiência foi bem positiva, que passou a olhar a fotografia de modo diferente, o poder que ela tem de criar representações. Disse que a exposição serviu para unir o grupo, para que tivessem noções básicas da linguagem fotográfica, de como tirar uma boa foto.

A aluna Bruna da Cruz Santos relatou:

A experiência, então, de exposição fotográfica foi importantíssima para minha formação, como a disciplina em geral. O olhar sobre a fotografia mudou completamente, e hoje sei como e quando usar essa tão brilhante prática. Fotografar exige do fotógrafo, mesmo que amador, toda uma análise do contexto e de histórias, muita prática, estudo e principalmente amor ao fotografar.

A aluna Ellen Santos disse que a disciplina foi importante, pois ela pôde perceber “[...] a importância da fotografia, o simples ato de fotografar pode ser usado como registro, um fato histórico”. Chamou a atenção para o trabalho do historiador e do professor: “Com a fotografia podemos entender o mundo de diversas óticas; então o historiador pode analisar e a partir dela produzir hipóteses, sem contar que também é um recurso em sala de aula, e nós como professores devemos saber apresentar para nossos alunos”. E sobre a exposição, ela disse que foi uma tarefa “muito prazerosa”, que, na feira livre de Guanambi, o grupo conseguiu interagir com os trabalhadores, e isso foi muito significativo no trabalho de pesquisa. E concluiu: “[...] fotografar para mim hoje é bem mais do que simplesmente uma questão de diversão, é algo trabalhoso que sempre tem uma intenção por trás; então, depois dessa atividade, eu comecei a pesquisar e querer ir mais a fundo nesse assunto”.

³ Os discentes enviaram seus comentários acerca da exposição por e-mail, em agosto de 2017. E autorizaram a publicação de seus nomes, bem como a divulgação das fotos.

Já a aluna Joice Fonseca disse que a disciplina foi muito importante para que ela pudesse agora *“questionar de forma consciente as possíveis intenções de um registro e ter em mente que nenhum documento possui neutralidade. A partir da análise documental de uma fotografia, podemos levantar hipóteses para entender o contexto de uma imagem”*. E completou: *“E, claro, meu olhar diante de qualquer fotografia, não será mais o mesmo, pois agora sei que as ‘Fotografias não mentem, mas mentirosos fotografam’”*.

Para a aluna Eduarda Santos, o trabalho com a fotografia *“provocou o sentido de se usar a fotografia de modo crítico, entendendo o contexto para além da imagem”*. Ela reiterou a importância de se estabelecer um canal de confiança entre o fotógrafo ou pesquisador e os sujeitos a serem fotografados, neste caso específico, os moradores da comunidade quilombola de Malhada, e que o pesquisador deve ter a consciência de dar um retorno social aos sujeitos com os quais ele interage:

[...] o procedimento e as formas metodológicas utilizadas para se aproximar e conquistar uma certa confiança foram o que me chamou mais atenção, confirmando e ressaltando em minha formação que um trabalho referente a pessoas, comunidades, deve ser abarcado de retorno social e político para as mesmas.

Esses relatos evidenciam que a experiência em realizar a exposição fotográfica foi altamente significativa para os alunos. Segundo os relatos, embora tenha sido um desafio lidar com o ato fotográfico, com o conhecimento da técnica de fotografar, foi um momento absolutamente instigante. Inspirou-os a querer aprender mais sobre técnica fotográfica, além do fato da percepção que eles tiveram de que estavam produzindo fontes históricas, que o ato de fotografar não é algo neutro.

Algo trabalhado na disciplina, e que foi perceptível durante o planejamento e a execução da exposição, é que a fotografia apresenta, por conta de seu suporte, pelo aspecto emocional que uma imagem pode transmitir, uma característica que a associa com o campo da memória, que possui um caráter de estabilizar a memória, de produzir sensibilidades e promover lembranças, pessoais

ou coletivas, carrega elementos sensoriais, evocativos e afetivos que a transformam numa fonte bem peculiar (MENEZES, 2012).

Os relatos dos alunos, em seu conjunto, revelam outro aspecto importante ao usar a fotografia como fonte histórica, tema que foi discutido teoricamente nas aulas, que é analisar o circuito social da fotografia, procurando informações de seu contexto de produção, circulação e apropriação, ou seja, problematizar a historicidade de uma imagem fotográfica.

[...] uma fotografia adquire valor histórico tanto pela sua capacidade de responder às demandas visuais do circuito social (produção, circulação, consumo e agenciamento) organizados por diferentes instancias da cena pública (imprensa, mercado, Estado, movimento social etc.), quanto pelos recursos técnicos e estéticos utilizados para esse trabalho (LOPES; MAUAD, 2012, p. 274).

Considerações Finais

Os alunos perceberam que a fotografia é um documento complexo, que exige certo grau de conhecimento por parte do fotógrafo em entender suas especificidades. Felizmente, na internet, é possível fazer cursos gratuitos ou ter acesso a tutoriais na área de fotografia: compreender noções básicas de composição, iluminação, enquadramento, profundidade de campo, tudo isso pode ser estudado e apreendido com o tempo, com a prática.

A exposição serviu para desenvolver, teoricamente nos alunos, o conceito de fonte histórica, a ideia de processo histórico de mudanças e permanências. No tema da "Escola e Cultura Escolar", por exemplo, foi possível perceber a variação no tempo entre a indumentária dos alunos e a arquitetura da escola.

No processo de construção da exposição, no momento em que os alunos foram ao campo para fotografar, eles perceberam também a questão da construção das imagens e de que não existe fotografia neutra. Esse ponto foi abordado no seminário de socialização, momento em que discorri sobre a questão de que uma foto é produzida sempre com alguma intencionalidade.

Do ponto de vista do ensino de História, pensando em ações e estratégias didáticas para a educação básica, essa experiência serviu para evidenciar que a

fotografia não deve ser usada em sala de aula apenas na perspectiva de ilustração. Também pode, no entanto, essa não deve ser uma prática corriqueira, mas eventual. A fotografia deve ser usada como fonte a ser analisada, questionada e problematizada. Professores e alunos devem superar essa visão ilustrativa e problematizar para além dela.

Por fim, algo que considerava importante, ao final da disciplina, para além dos objetivos acadêmicos exigidos pela ementa do curso, era a possibilidade de os discentes desenvolverem o gosto pela fotografia e de que o ato de fotografar tivesse uma conotação mais artística e crítica, e não apenas uma prática corriqueira de diversão. Pela euforia e envolvimento dos grupos na realização da exposição, e a partir de alguns depoimentos dos estudantes, parece que esse outro objetivo, se não foi alcançado satisfatoriamente, “cutucou” o interesse pela fotografia.

Na era da ditadura da fotografia nas redes sociais, como o exagero de *selfies*, que incentivam um determinado narcisismo nas pessoas, desenvolver o bom hábito de usar uma câmera para capturar questões importantes da realidade social, ou pelo menos realizar imagens mais criativas, com qualidade, do ponto de vista da técnica, seria uma atitude urgente e necessária nos dias de hoje. Algo fundamental é produzir conhecimento, registrando aspectos importantes da vida cotidiana: a cultura material e imaterial da sociedade. A experiência com a construção e execução da exposição propiciou este despertar nos alunos e o desenvolvimento de uma melhor relação com a fotografia. O próprio relato dos alunos indica isso. Como bem salientou o fotógrafo e poeta da imagem Sebastião Salgado: “O tempo da fotografia é o tempo da vida, lento”⁴.

Referências

BARCA, Isabel. A educação histórica numa sociedade aberta. *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2007.

⁴ Rubin (2014, p. 8).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília: MEC: SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 6 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: MEC: [2017]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2017.

BRASILIANA FOTOGRAFICA DIGITAL. Rio de Janeiro: BN, [2017]. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/>. Acesso em: 6 ago. 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. O testemunho das imagens. In: BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 11-24.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: DE LUCA, Tania Regina; PINSKY, Carla B. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

CAIMI, Flávia. O que precisa saber um professor de História. *História & Ensino*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 237-271.

GERMINARI, Geyso D. Educação histórica: a constituição de um campo de pesquisa. *Revista HISTEDBR On-Line*, Campinas, n. 42, p. 54-70, jun. 2001.

LOPES, Marcos Felipe de B; MAUAD, Ana Maria. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 263-281.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 15-33.

MENEZES, Ulpiano T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MENEZES, Ulpiano T. B. de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 243-262.

RUBIN, Nami. Sebastião Salgado: os bastidores das imagens. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 mar. 2014. Segundo Caderno, p. 8.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é essa?. *In: BARCA, Isabel; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (org.). Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. p. 21-51.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 81-95.

UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Ciências Humanas. Colegiado do Curso de história. *Projeto pedagógico*. Caetité: UNEB, 2015.

*Recebido em 09 de março de 2020
Aprovado em 27 de abril de 2021*